

20 de agosto de 2005

Arquitetura como expressão cultural resultante do encontro entre Oriente Médio e Ocidente

O caso do Batistério de San Miniato al Monte na transferência de elementos arquitetônicos através do mediterrâneo até Florença.

Por Andrea Piccini

Introdução

Este trabalho trata das manifestações arquitetônicas como expressões culturais.

Constata-se que, no período histórico da Idade Média ocidental, entre os anos 1000 e 1400, classificado em arquitetura como românico florentino foi fruto do forte desenvolvimento comercial da cidade de Florença e região com o Oriente Médio, o que possibilitou a renovação sócio-cultural da sociedade permitindo a aceitação, dentro da expressão arquitetônica existente, românico/medieval, de enxertar elementos construtivos específicos árabes do Oriente Médio.

Este estudo pretende mostrar como esses elementos arquitetônicos se transferiram através do Mediterrâneo de forma muito mais flexível e intensa do que foi aceito no mundo ocidental europeu.

A arquitetura na bacia do Mediterrâneo, atuou não só como representação simbólica, mas sobretudo como o veículo globalizador de transmissão cultural. Assim, dependendo da época e da sociedade predominante, a arquitetura possibilitou à cultura árabe-islâmica, no seu espaço geográfico e temporal, mais penetração e difusão no mundo europeu ocidental católico do que usualmente se propaga.

O tema do presente estudo trata da introdução às manifestações arquitetônicas resultantes dos acontecimentos históricos, sócio-culturais e sócio-econômicos, sob influência das culturas médio-orientais marcada

pelos fortes migrações e assentamentos das populações árabes, em primeiro lugar, e turcas, seldjúcida e otomana, mais tarde, quando se estabeleceram nas bordas do Mediterrâneo. É nessa época que aconteceram mudanças visíveis na região e na cidade de Florença e marca a passagem entre o Românico Florentino e a Renascença.

Sempre considerou-se a variável sócio-cultural como elemento motriz das mudanças entre diferentes sociedades, sem esquecer, no entanto, um outro elemento importante nas estruturas sociais e suporte da variável sócio-cultural, a saber, aquela representada pelas relações comerciais e pelas causas econômicas. De modo que, muitas vezes, fomos induzidos a pesquisar e analisar elementos sócio-econômicos por meio das relações comerciais do ocidente mantidas com o Oriente Médio. Neste ponto, é exemplar o caso da sociedade florentina, sobretudo do segmento da sociedade representado pelas famílias mais abastadas, nobres e comerciantes, que promoviam intensas importações até de utensílios de cozinha que, quotidianamente eram usados, por exemplo, serviços de mesa de Damasco. Assim, analisando o tipo e o volume desse comércio, pôde-se avaliar a frequência e a importância de tais relações em Florença.

Entre o Batistério de San Giovanni e a Igreja de San Miniato al Monte, tal como consta nos documentos pesquisados, existe uma estreita conexão tanto do ponto de vista religioso.

O primeiro elemento: o Batistério de San Giovanni

A estreita relação entre as duas construções religiosas que faziam parte da mesma estrutura eclesiástica, pois eram duas propriedades episcopais, quando num documento de 899 do rei Berengário a Igreja Episcopal de Florença é definida por meio de dois santos, San Giovanni e San Miniato al Monte . Batistério e a Igreja de San Miniato al Monte são os dois mais importantes monumentos da época, um no centro da cidade e outro no topo da colina, podendo ser vista de longe e impressionando os peregrinos .

As duas construções religiosas tem também uma estreita relação simbólica que os classifica como complementares tanto da apelidarem "portas celestes da cidade" colocados na confluência de três elementos; o céu, a terra e o abaixo da terra, colocando assim a cidade de Florença num recinto sagrado que parte da terra no Batistério e esse eleva ao céu no San Miniato al Monte. Esta idéia sugeria o fato de considerar as duas igrejas não como simples lugares de culto, devoção e liturgias religiosas, mas dois templo que continuariam a tradição mais antiga da cristandade, colocados na confluência de três mundos.

A idéia a base da visão mística e gnóstica da vida mostrava a importância em liberar o espírito eterno em relação ao corpo para se juntar a Deus, origem de tudo, não só no momento da morte física, mas também em vida por meio da estase. Esta filosofia da alma que se dissocia do corpo para entrar no paraíso tinha sido tratada anteriormente pelo filósofo e teólogo do Islão medieval, Ibn Arbi, que neste período foi introduzida em Florença, no ocidente e no Cristianismo dos mosteiros.

As influências neoplatônicas e gnosticas estão a origem da mística do Islão mais místico e acético, que encontra no Sofismo a sua expressão mais importante. No seu desenvolvimento, inclusive de conquistas, o Islão foi por sua vez conquistado pelas culturas difundidas do Irã e da Síria onde o platonismo já tinha interessado ao sincretismo das doutrinas irânico - persas. Também a doutrina de Zoroastro como o Cristianismo e o Judaísmo, depois um primeiro período de oposição, foram reconhecidos pelos conquistadores árabes como a religião do Livro e portanto tolerados.

Também com relação ao seu projeto,

trabalhos de construção e manutenção estes se protelaram ao longo de muitos anos, estiveram, a partir de 1150, a cargo da Corporação da Arte di Calimala ou Mercadores da Lã, uma das maiores corporações de sedas e da lã, das associações dos mercadores e importadores de Florença.

Vale lembrar que sendo os mercadores da Arte di Calimala importadores de brocados, sedas, lã e tapetes, do Médio Oriente, detinham as maiores representações não só comerciais mas diplomáticas de Florença com todo o Oriente Médio, sobretudo Damasco, Jerusalém e Istambul.

Tendo em vista as relações cronológicas e o fato de os artífices do Batistério serem os mesmos da Igreja de San Miniato al Monte, e ainda o fato de os dois edifícios representarem algo excepcional em relação ao que se construía na cidade, algumas considerações devem ser feitas que evidenciem as fontes de influência médio - orientais existentes.

No que se refere ao Batistério de Florença, consagrado novamente em 1059 para funcionar como catedral da cidade até o séc XII, os estudos atuais sobre as origens exatas e as diferentes fases construtivas do edifício não são totalmente conclusivos. Para autores como Pratesi (1995), por exemplo, a história do Batistério é tão vasta e complexa, por informações muitas vezes contrastantes, que mesmo a sua classificação exata, entre o arquitetônico românico, no geral, e românico florentino, no caso específico, torna-se difícil. O estilo românico, como apresentamos anteriormente, nesse contexto, é entendido como o período do fim da Idade Média, o Baixa Idade Média, como passagem para a Renascença.

Devemos de fato ter presente que a data de uma Igreja classificada como românica pode não corresponder a todo o edifício e estar distante da data, por exemplo, da construção de sua fachada com o revestimento marmóreo que, no caso do Batistério, ocorreu no período de maior disponibilidade econômica da cidade, só depois de alguns séculos da sua reconstrução, se consideramos sua original construção românica já reformada no séc. X e XI. Ao mesmo tempo, como a construção prolongava-se

por décadas, os trabalhos de reestruturação eram também contínuos.

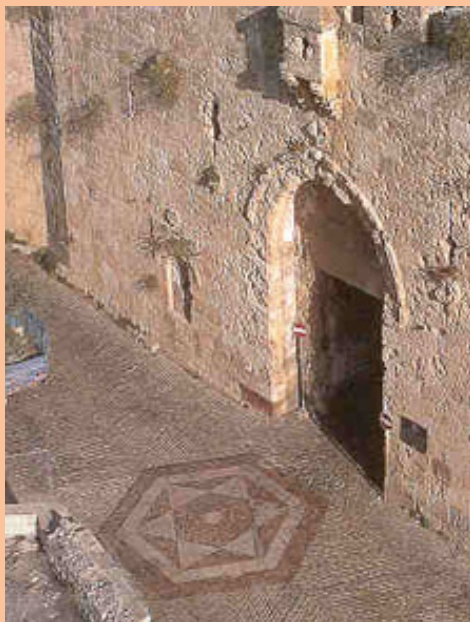
A planta octogonal de 27 metros de diâmetro, provavelmente iniciada no século VII, só foi terminada no século XI, depois de ter sofrido muitas mudanças com relação ao projeto, que é considerado, por assim dizer, original. De alguma forma, no século VII, o edifício existente assume, em relação à urbanização de época romana da cidade, uma posição centralizada nos eixos urbanos, mais afastada na idade média e mais próxima no atual centro.

Essa tipologia construtiva teria sido atribuída provavelmente à sua difusão nas igrejas cristãs, a partir da Basílica da Natividade, de Belém, (Oriente

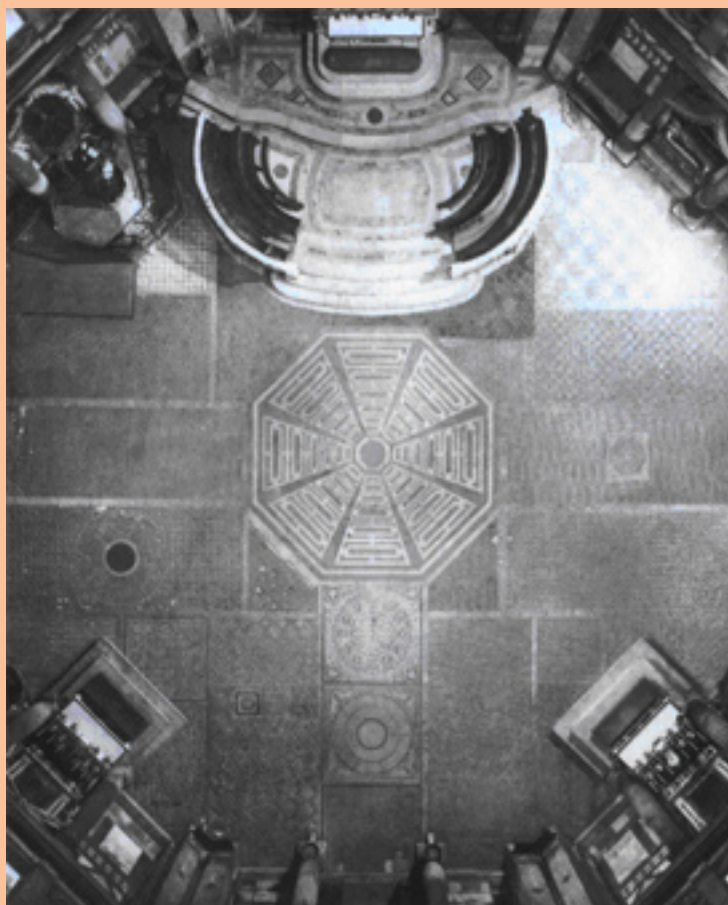
Médio) edificada no século IV. Na Idade Média, a figura do octógono apareceu freqüentemente nas construções religiosas cristãs dedicadas à Rainha do Céu, representando o oitavo céu, de Santa Sophia, ou seja, da sabedoria da Grande Mãe. Pode ser encontrado em inúmeras construções religiosas armênias, os gavit, nas turbes seldjúcidas, bem como é a forma geométrica da Cúpula do Rochedo de Jerusalém.

A planta octogonal foi amplamente utilizada em toda a bacia do Mediterrâneo apoiada em evidências simbólicas religiosas e como vimos é também comum à religião islâmica nas construções já antes do 1000 nas tumbas no interior desértico do oriente médio.

O desenho do polígono como símbolo da passagem entre a terra e o céu



Porta de Sion, Jerusalém, o desenho do hexágono na entrada. Fonte: Kroyanker, 1994.

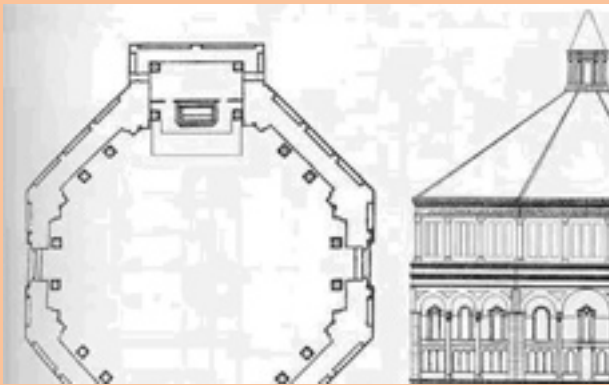


Interno Batistério vista com o desenho do octógono no pavimento. Fonte: Manetti, 1999.

Esta simbologia arquitetônica representada pelo desenho ou por construção de forma poligonal na esfera sobrenatural da passagem entre a vida e a morte, pois na geometria relacionada como sagrado o octógono representou, na idade média, a figura de passagem do quadrado da terra ao círculo do céu,

especificamente associados pelo Cristianismo às fontes batismais e aos edifícios batismais como lugar de passagem e, portanto, do início da ressurreição. Já na época romana o octógono foi o símbolo da autoridade imperial, é um poder diretamente emanado de Deus, isto é, o poder divino do imperador.

O Batistério de Florença, um edifício diferente no meio da cidade ainda de idade média



Projeto, desenho da Planta e Fachada, Fonte: Sinisgalli, 2000



Afresco de Bernardo Daddi, 1350, vista da cidade com o Batistério ao meio. Fonte: Giusti, 2000

No caso do Batistério florentino, é importante notar que a função deste edifício não era restrita apenas ao batismo; para alguns poucos, representantes de nobres e importantes famílias, era permitido o sepultamento. A simbologia é clara: no mesmo local do batismo—espaço no qual se consumava o ingresso para a vida terrena abençoada por Deus, encontrava-se também a passagem para a vida eterna.

Enquanto as tumbas no interior do templo foram privilégio raro para alguns, a zona ao redor do Batistério acabou sendo destinada para esse fim, sendo utilizada pela população comum. Na representação litúrgica então, neste espaço octogonal, superava-se o sufrágio da morte frente a possibilidade de alcançar a vida eterna.

A cobertura, executada no ano de 1128, em forma de pirâmide, que esconde a cúpula interna, com 32 metros de altura, é constituída por paredes

do telhado de lastras brancas lisas, inclinadas e convergentes em direção da lanterna circular; é fechada na ponta com uma esfera dourada e foi completada em 1150.

Até 1150, todo o tipo de embelezamento era possível, como, por exemplo, quando o exército de Florença participou com aquele de Pisa de uma batalha em Maiorca, Mediterrâneo ocidental, contra as forças islâmicas, e trouxe à cidade o botim de guerra do qual faziam parte dois monólitos de granito de alguma construção mouresca, que colocaram no Batistério aos lados da porta leste

Do ponto de vista arquitetônico, a planta octogonal favorece que a estrutura do edifício do Batistério esteja organizada segundo uma repetição modulada das paredes, conforme um novo conceito de centralidade espacial que lembra a distribuição do edifício da Cúpula do Rochedo de Jerusalém. As paredes do octógono

geometricamente definidas são enquadradas pela alta pirâmide da cobertura.

Este edifício assume as características quase definitivas a partir de 1293, apesar de ter sido reestruturado mais uma vez entre 1296 e 1300. Nesta última intervenção, o revestimento externo foi completado com a decoração marmórea das fachadas. Essa última decoração externa obedece a uma pesquisa racional da possibilidade de associação de unidades de tipologias simples através de uma interpretação geométrica do espaço organizado segundo coordenadas ortogonais de uma perfeita unidade orgânica final. As relações do episcopado florentino com o oriente médio são documentados em crônicas onde se sabe que até fim do séc. XII o Patriarca e o Arcidiácono de Jerusalém foram quase sempre florentinos. Em 1204, em seguida a acordos entre o Bispo Pietro o Patriarca de Jerusalém, o florentino Aimaro, foi doada para Florença uma relíquia do braço do apóstolo Filipe. Esta relíquia seria colocada no Batistério e por a ocasião foi dado grande impulso aos trabalhos efetivos de revestimento, mesmo que alguns autores coloquem que de fato as obras de revestimento começaram já em 1150, com um tipo de decoração marmórea dicromática das fachadas, típica da arquitetura árabe de Damasco.

Ao externo o sistema decorativo relaciona-se mais com as lembranças de Damasco: com tábuas marmóreas podia acompanhar, enquadrar, enriquecer e ressaltar a estrutura construtiva do edifício, ordenado em três grupos de elementos arquitetônicos ao interno: o primeiro, dos pilares verdes; o segundo, coincidente com o piso do matroneo com arcos e colunas na seção octogonal; o terceiro, correspondente às tábuas marmóreas sobre a viga.

Ao interno, a composição harmônica de módulos geométricos de cada parede externa ressalta e enquadra o edifício através do desenho baseado em uma composição decorativo-arquitetônica resultante da dosagem dicromática, (mármore branco da Lunigiana, Toscana, e serpentina verde escura, pedra dura de Prato, Toscana) e de algum raro elemento de pórfiro vermelho antigo. Toda a composição decorativo-arquitetônica é equilibrada pelos efeitos espaciais

marcados pelas faixas lineares horizontais e verticais mais escuras, sempre em pedra dura local. Influências e similitudes reconhecíveis nos elementos arquitetônicos e decorativos mais visíveis ao externo das mesquitas e palácios de Damasco apresentados no capítulo anterior .

Ao interno, as paredes estão divididas em três faixas distintas: embaixo, por colunas monolíticas de granito; acima das vigas da primeira linha de colunas, existe uma faixa com lesena de mármore que inclui as bifores (arco com duas aberturas iguais) permitindo a passagem da luz das janelas externas depois do corredor superior interno. Uma última faixa decorada com painéis marmóreos na parte mais alta fecha as paredes.

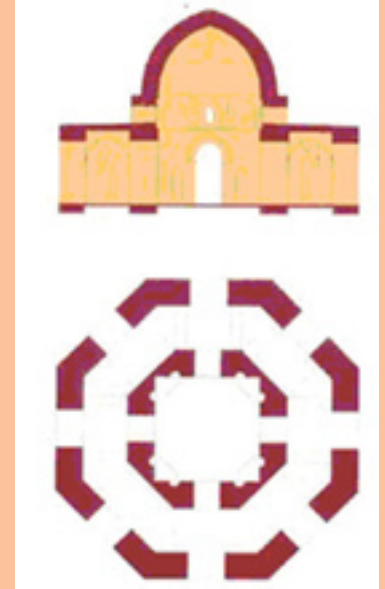
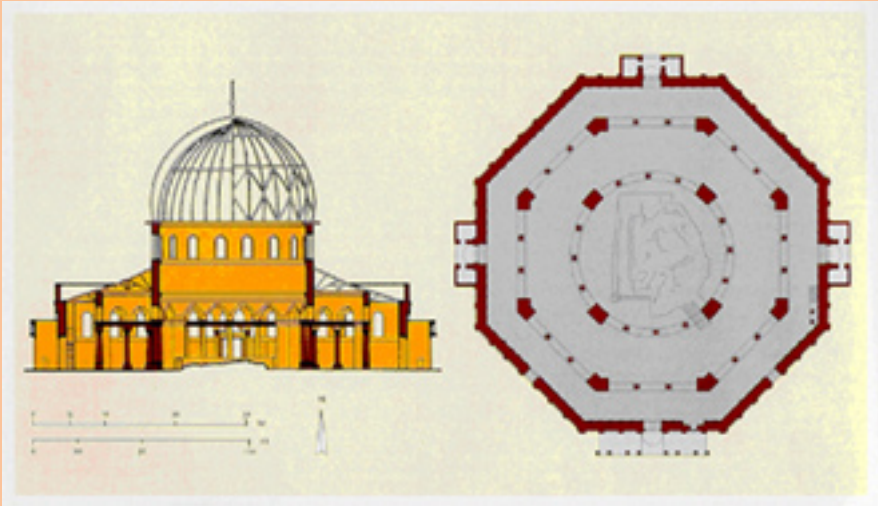
Um elemento arquitetônico interessante presente no primeiro piso interno do Batistério é o matroneo (normalmente definido como elemento arquitetônico bizantino), que é o espaço reservado para as mulheres, separando-as assim dos homens. A separação física entre sexos é uso comum nas culturas mediterrâneas, independentemente das religiões, mas tem maior visibilidade, sobretudo, quando se torna uma delimitação espacial, como acontece na arquitetura árabe das mesquitas.

O matroneo tal como existe no Batistério não pode ser considerado só um elemento da arquitetura bizantina, mas pode ser considerado específico desta construção, pois não é freqüente em outros edifícios destinados ao batismo. Do mesmo modo, não se encontra o matroneo em mausoléus e tumbas no período analisado. Ressalta-se, porém, que o Batistério de Florença acumula em si as três funções referidas: não é só Batistério, mas também Mausoléu e Tumba.

A idéia do novo Batistério em Florença era aquela de devolver a dignidade da religiosidade dos antigos templos por meio de novas soluções arquitetônicas e estéticas; arquitetônicas com atuação da nova engenharia do séc. XII com a introdução do sexto agudo e do duplo estrado na cúpula e na decoração com a descoberta de um grande uso de mármore policromos disponíveis na região de Florença. Ao mesmo modo, pela sua distribuição volumétrica fisicamente poderíamos lembrar do Rochedo de Jerusalém, da tumba de Al Mutazir no Iraque, das tumbas turcas e as construções religiosas armênias.

De fato, a pavimentação - *مَعْبَدٌ تَقَافَةٌ عَرَبِيَّةٌ* 5

A - Cúpula do Rochedo, Jerusalém, planta e corte, 688-692. Fonte: Stierlin (1993)



B-Tumba – Mausoléu, a mais antiga construção funerária desta tipologia islâmico - árabe, de Al Mutazir, Samarra, 862, ainda do período abássida em Bagdá. Fonte: Stierlin (1993)

Os arabescos do Batistério



Batistério de Florença – parte interna: matroneo, Fotos A. P.



Mosaicos da pavimentação, representação do zodíaco como elemento decorativo e filosófico

ção do Batistério é decorada com motivos ornamentais médio - orientais árabes realizados até o início do século XIII em mosaicos de pedra e mármore entrelaçados, similares a tapetes, e esses mesmos mosaicos, nesse período, eram classificados de decoração de tapetes orientais. Além dos elementos geométricos (de clara influência árabe), há motivos do zodíaco e dos mosaicos coloridos em mármore e pedras, estes também de nítida influência árabe. O mosaico principal do zodíaco, composto de 8 painéis, foi trabalhado em mármore branco de Carrara (Toscana) e verde de Prato (Florença), apresentado como um "carpete" a partir da entrada do edifício até o altar central. O painel específico do Zodíaco é um mosaico bordado em mármore presente tanto no Batistério, quanto na Igreja de San Miniato al Monte, o primeiro que aparece no Ocidente.

As decorações marmóreas dos pavimentos,

entretanto, são similares às da Igreja de San Miniato al Monte, em Florença, à Catedral de Veneza e Santa Sofia, em Istambul.

A data de 1207 é tida como definitiva para a conclusão dos trabalhos de pavimentação do Batistério, e coincide com aquela geralmente aceita para a execução da decoração marmórea da pavimentação da Igreja de San Miniato al Monte, lembramos que os dois monumentos eram a cargo da Arte di Calimala e, portanto, a afinidade estilística dos mosaicos dos pavimentos é devido ao fato dos comitentes terem usado os mesmo artífices.

Último retoque estrutural em 1202 foi construído, um abside retangular bem visível na parte externa do Batistério no lugar de um abside circular sempre presente nas igrejas românicas . Essa nova forma arquitetônica remete aos absides das igrejas armênias as quais já ilustramos.

Trocas de elementos arquitetônicos, do Gavit, Armênia, ao Batistério



Gavit de Haricavank, séc. X, Armênia. Fonte: Cuneo, 1988



Turbe, Turquia, séc. XIV. Fonte: Robinson e Brown, 1984

Pelos documentos pesquisados, sabemos que por volta dos primeiros anos do século XIII, para decorar em forma de mosaico o interior da cúpula do Batistério, foram chamados artistas e mestres de obras de Veneza. Ao longo dos anos de 1200 e 1300, chegavam em Florença, provenientes de Veneza, artistas, fundidores de bronze, técnicos e artesãos.

Presume-se, então, que provavelmente, naquela época, não viviam em Florença, ou não se confiava em artistas capazes de intervir nessa tipologia artística de forma diferente da tradicional. Podemos presumir também que os artistas, decoradores e mestres de obras venezianos conhecessem as novas técnicas, do gosto médio-oriental em moda nas decorações.

Gavit e abside na Armênia - Fonte, Faculdade de: Architettura del Politecnico di Milão, Documenti di Architettura Armena, 1974



Gavit da igreja da Santa Cruz, Vaspourakan, com abside retangular, 915 - 921



Vista externa do Batistério de Florença, o abside retangular, Foto A. P.

O segundo elemento: a Igreja de San Miniato al Monte

Outro edifício de certa importância existente no fim do século XI, em Florença, além do Batistério, era a Igreja de San Miniato al Monte, pois teve, desde o ano 783, e ainda tem, o *status* de Basílica da cidade.

Documentos antigos relatam que o cristianismo chegou em Florença trazido de mercadores síriacos de língua grega provenientes da cidade de Apamea (hoje Síria) ao sul da Antioquia, que estabeleceram uma grande colônia num sítio fora das muralhas da cidade na colina da futura Igreja de San Miniato. Ao longo dos anos, esses mercadores ficaram ricos e influentes na cidade, o seu *status* rico e a sua origem síriaca podem ser encontrados em tumbas de cemitério da época paleocristã que mostram o grande número destes moradores na comunidade florentina.

Também, logo no início da sua história, esta Igreja, onde no lugar já havia uma igreja mais antiga, foi batizada com o nome de Miniato, que era um príncipe da Síria, filho do rei da Armênia, em reconhecimento à comunidade. A construção da nova igreja foi iniciada no século XI, entre os anos 1018 e 1063. No séc. XI, a antiga capela de San Miniato, que já estava praticamente destruída, foi substituída pela nova Igreja consagrada em 1018, mesmo que os trabalhos continuassem até todo o séc. XII e concluídos no século XIII.

A Igreja de San Miniato al Monte fazia parte, junto com o Batistério, das propriedades do episcopado florentino, que coroava a idéia de reviver uma acrópole episcopal e reproduzir na colina, que dominava estrategicamente a cidade, os novos símbolos do seu prestígio político e religioso. Resulta então clara a estreita conexão estabelecida entre o antigo Batistério dentro das muralhas e a nova cidadela sagrada na colina dominante da cidade.

Do ponto de vista da tradição do românico florentino, San Miniato al Monte foi importante como primeiro grande edifício religioso construído na Toscana, ainda que localizado fora do âmbito propriamente urbano.

A estrutura da Igreja, projeto de arquiteto desconhecido, é composta só de três naves, que correspondem na fachada às três entradas e que continuam no coro acima da cripta concluindo com uma grande semicircunferência do abside acima das três naves. Parece que a construção foi iniciada da cripta mais antiga e continuada nas duas naves laterais envolvendo a Igreja original paleocristã. Realizou-se por último a nave central, ocupada pela antiga igreja paleocristã, que foi demolida, e enfim foi realizada a decoração marmórea do pavimento.

A fachada no seu desenho global é dos séculos XI e XII, bem como os preciosos mosaicos marmóreos policromáticos e dicromáticos, brancos e verdes, nos mesmos materiais utilizados no Batistério, dispostos em harmoniosos desenhos geométricos. Resultado do equilíbrio entre a solução da geometria das linhas e decoração verticais e horizontais como expressão da forma e do volume.

A parte inferior da fachada é composta de 5 arcadas com configuração de um pórtico obtendo-se um efeito visual que o projeta para fora da superfície marmórea do fundo, branco de Carrara e verde de Prato, apresentando muita semelhança com as fachadas externas do Batistério. Como vimos anteriormente, o Batistério, por muitos anos, não teve revestimento externo, e suas oito fachadas foram decoradas na metade do século XI, ou seja, quando a parte inferior da Igreja de San Miniato al Monte já estava acabada.

As entradas hoje em três portas, na sua origem, eram cinco, uma para cada arco, o que seguramente, fisicamente, dava a impressão de um pórtico, quando aberto, e por isto apelidada na história de Basílicas das "Portas Santas". As colunas com capitéis de estilo coríntio que muito bem se confundem com o resto da decoração marmórea, como outras no interior da Basílica, são ruínas de época romana de uma construção não conhecida do último século a.C. disponível na região. A policromia marmórea

desta Basílica constitui uma grande inovação na Arte Românica, especificamente florentina.

Mas nesta Igreja, a parte mediana da fachada parece ter pouco em comum com a outra parte inferior. Os três espaços delimitados pelas lesenas são geometricamente iguais na dimensão mesmo que na aparência parecem diferentes. Esta decoração não expressa uma função de sustento como na fachada inferior, sendo simplesmente, mas agradavelmente, decorativos. Os dois espaços retangulares laterais apresentam na metade superior duas grades rodas com uma precisa razão funcional; nos seus eixos, correspondem duas janelas redondas com o escopo de projetar, na hora do crepúsculo, raios de luz no mosaico interno ao abside, no fim da nave central. A janela central nessa parte superior foi inserida na parte central do tríptico espacial mais tarde no século XIII, visivelmente posterior e fora do contexto, já de influência renascentista, bem no estilo de Leon Battista Alberti.

Aqui, os painéis de mármore e as lesenas são enquadrados em finíssimos mosaicos marmóreos denominados arabescos, devido certamente, às características similares presentes na arte árabe-islâmica médio-oriental. Cada faixa de mosaico-arabesco é diferente uma da outra mostrando uma imaginação surpreendentemente nova no rígido estilo arquitetônico românico-medieval. Não se registra nenhuma representação de figura humana ou animal, mas, estão representados apenas elementos geométricos conforme era usual na arte decorativa médio-oriental.

Todavia, o ritmo do elemento geométrico é interrompido por outros desenhos para dar a sensação de continuidade ao mosaico ou ao bordado marmóreo típico da arte islâmica deste período. Também os painéis de mosaicos de bordado marmóreo que representam os signos do zodíaco, na parte superior mais alta da fachada, lembram as decorações de madeira, e mais freqüentemente, as de estuque, que compõem os muxarabes das janelas das mesquitas.

Todos esses elementos arquitetônicos e decorativos externos estão presentes no interior da Igreja. Pratesi (1995) considera ainda,

que internamente é mais visível a influência da arte árabe-islâmica. Destaca-se no interior, uma parede de altura de dois metros que é composta de 14 grandes quadrados de mármore, todo recortado formando um fino rendilhado, branco sobre fundo negro, exibindo desenhos geométricos diferentes em cada quadrado. Todos os quadrados maiores e os menores são por sua vez enquadrados por uma faixa de mosaico de desenho geométrico que varia em cada segmento do desenho.

Os diferentes pesquisadores sugerem que os mercadores da Arte di Calimala, que patrocinaram e financiaram a construção, e os artesãos, que executaram os trabalhos na igreja, mesmo sentindo o fascínio da arte islâmica, entendiam que a introdução e a aceitação de novidades artísticas não significavam a negação das próprias tradições latinas. A harmonia entre as duas culturas representada por essa arquitetura decorativa aparece em todo seu esplendor tanto na composição desta igreja quanto no Batistério.

Os historiadores e pesquisadores em geral assumem a definitiva obra final dos mosaicos marmóreos da pavimentação no centro da nave central desta Igreja em 1207, data que coincide com o acabamento do mesmo tipo de decoração e do abside do Batistério.

Provavelmente os mosaicos marmóreos presentes na pavimentação foram executados pelos mesmos artesãos, contribuindo, desta forma, para a semelhança que existe seguramente entre os elementos arquitetônicos e decorativos de ambos edifícios, como mencionamos anteriormente a propósito do Batistério.

Aqui também os mosaicos da pavimentação representam os mesmos elementos decorativos, os mesmos objetos, os zodíacos, colocados exatamente na entrada da Igreja. A circunferência inscrita no quadrado nos zodíacos do recamo marmóreo, elemento sempre repetido da geometria sagrada, reforça a idéia que o círculo era estreitamente ligado a representação do cosmo especificamente da volta celeste do qual fazem parte os signos do zodíaco e o quadrado era relacionado com a terra, como globo terrestre.

Gavit e abside na Armênia - Fonte, Faculdade de: Architettura del Politecnico di Milão, Documenti di Architettura Armena, 1974



Elementos da fachada: as similitudes com o Batistério - Fotos A. P.



Elementos do zodíaco no piso, similitude com o Batistério



O santo Graal, colocado sobre o portal da Igreja, é inscrito em um octógono, símbolo geométrico da transmutação espiritual



Particular do altar



Os arabescos dos elementos decorativos internos

Referências bibliográficas

- AKURGAL, Ekrem. *The art and Architecture of Turkey*. Oxford, Ed. Oxford University Press, 1980.
- ANTOLOGIA UNIVERSALE DELL'ARTE. *Il mondo delle forme. La civiltà del Romanico*. Firenze, Ed. Sansoni, 1967.
- CUNEO, Paolo. *Architettura Armena. Dal quarto al diciannovesimo secolo. Tomo I e II*. Roma, Ed. Fondazione Kulbenkian, CNR.IT e De Luca, 1988.
- GIUSTI, Annamaria. *IL Battistero di San Giovanni a Firenze*. Firenze, Ed. Mandragora, 2000.
- KROYANKER, David. *Gerusalemme*. Verona, Ed. Arsenale 1994.
- MANETTI, Renzo. *Le Porte Celesti*. Firenze, Ed. Aletheia, 1999.
- PICCINI, Andrea. "Argélia: colonização e independência. O papel da Arquitetura e do Urbanismo nos países árabes", in *Revista USP*, n. 10. São Paulo, CCS-USP, junho-agosto/1991, pp. 179-88.
- _____. "Villages Socialistes na Argélia, um modelo de planificação territorial e urbano", in *Revista Projeto*, n. 73, março/1985, pp. 95-101.
- _____. "Ghardaiá, uma cidade entre nomadismo e sedentarismo", in *Revista Projeto*, n. 90, agosto/1986, pp. 75-78.
- _____. *O processo de urbanização da cidade de Istanbul*. CD-ROM Multimídia São Paulo, 2000.
- PRATESI, Franco. *La splendida Basilica di San Miniato a Firenze*. Firenze, Octavo Editore, 1995.
- ROBINSON, Francis. *O mundo islâmico. Col. Grandes impérios e civilizações Madrid*, Ed. Del Prado, 1996.
- STIERLIN, Henri. *L'Architecture de l'Islam*. Paris, Ed. Taschen, 1993.

Andrea Piccini - Italiano, residente em São Paulo, Brasil, Arquiteto, PHD e professor em Engenharia Urbana junto à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Pós-Doutorado e pesquisador em Cultura Árabe junto ao Departamento de Língua Oriental da Universidade de São Paulo. Trabalhou em diferentes países árabes do Magreb e Oriente Médio, coordenador de acordos culturais, de pesquisa e várias publicações em arquitetura e cultura árabe do Mediterrâneo.